

O movimento *Slow Food* no contexto da construção organizativa e propositiva de novos conflitos e movimentos sócias.

A luta pela preservação do meio-ambiente, sua relação com a política econômica, com tradições e identidades culturais.

GT03/09 Lutas camponesas, mobilizações rurais e protestos ambientalistas

Ricardo Luiz Sapia de Campos, (FCS – UFG), e-mail: sapiacampos@yahoo.com.br

RESUMO: Com o avanço do capitalismo, a intensificação da produção industrial e a consequente destruição ambiental, surgem diferentes formas de protestos alimentados por conflitos de interesses. O final do século XX, com acontecimentos que culminaram na crise da esquerda de cunho socialista é ao mesmo tempo cenário de surgimento de novos movimentos sociais. Estes, chamados “novos movimentos sociais” tem em comum consoante as suas diferenças e singularidades, o fato de pautarem-se por práticas tanto ou mais propositivas do que meramente reivindicativas, consideradas dentro dum cenário de desregulamentação do trabalho. Este ambiente de uma “nova esquerda” com maior grau de subjetividade é frutos dentre outras de uma nova organização do trabalho. A pauta ambiental que num passado próximo estava restrita aos movimentos contestatórios contra a agressão à natureza e ao considerado “meio ambiente” passam a se organizar com propostas e ação que não tem mais o estado como foco de atenção, mas sim a sociedade de maneira geral, fraccionada em interesses diversos e difusos. Dentre estes tem-se o movimento *Slow Food* de destaque e impacto internacional. O movimento surgido na Europa, nomeadamente na Itália, em 1986, portanto, no auge da construção de propostas de novos movimentos sociais, pauta-se em promover melhor qualidade de vida e formação de consciência a partir de uma alimentação mais saudável e saborosa e uma produção mais “limpa”, “justa” e “sustentável”. Se constitui assim em proposta atuante de um novo e modelar movimento ambientalista. Esta comunicação é fruto de trabalhos de campo no Brasil e na Europa realizados no âmbito de projetos em andamento e visa discutir as propostas e ação do movimento no contexto de um “novo movimento social” comparativamente aos movimentos reivindicativos caracterizados pela clássica separação entre capital e trabalho.

PALAVRAS CHAVE: movimento *slow food*, capitalismo cognitivo, conflitos, meio ambiente.

**TITLE: The Slow Food movement in the context of the organizational and
propositive construction of new conflicts and social movements.**

ABSTRACT: With the advance of capitalism, the intensification of industrial production and the consequent environmental destruction, different forms of protests fueled by conflicts of interest arise. The end of the twentieth century, with events that culminated in the crisis of the socialist left, is at the same time the scene of the emergence of new social movements. These so-called "new social movements" have in common according to their differences and singularities, the fact that they are guided by practices that are either more propositional or merely demanding, considered within a scenario of deregulation of work. This environment of a "new left" with a greater degree of subjectivity is fruit among others of a new organization of the work. The environmental agenda that in the near past was restricted to the anti-aggression movements against the nature and the considered "environment" are organized with proposals and action that no longer has the state as a focus of attention, but rather the society in general, divided into diverse and diffuse interests. Among these are the Slow Food movement of prominence and international impact. The movement that emerged in Europe, namely Italy, in 1986, at the height of the construction of proposals for new social movements, is aimed at promoting a better quality of life and formation of conscience through a healthier and more tasty diet and a 'clean', 'fair' and 'sustainable' production. It is thus an active proposal for a new model of the environmental movement. This communication is the result of fieldwork in Brazil and Europe carried out in the context of ongoing projects and aims to discuss the proposals and action of the movement in the context of a "new social movement" compared to the movements of the demands of the classic separation of capital and labor.

KEY-WORDS: slow food movement, cognitive capitalism, conflicts, environment.

INTRODUÇÃO

O *Slow food* é um movimento social de nova ordem e se apresenta e constitui como contestador e propositivo. Surge em 1986 na rasteira de protestos insurgidos contra a abertura de uma loja do *MacDonald's* em Roma. O movimento tem origem em ação insurgente contra malefícios da globalização, ou do capitalismo, no caso uma série de práticas que antecedem, acompanham e sucedem a alimentação e o ato de comer, como a produção industrial de alimentos, o uso de agrotóxicos; a própria alimentação rápida (mecânica) desprezando o sabor e os nutrientes dos alimentos, além do isolamento do ato

de comer desprezando o convívio (“*conviviun*”), agressão ambiental, contaminação do solo e da água, dentre uma série de práticas normativas do mundo moderno que tendemos a naturalizar.

O Movimento *Slow Food* está inserido no contexto dos chamados “Novos Movimentos Sociais” questionando o sistema agroalimentar como um todo. Se constitui em movimento que capta demandas recentes e se organiza a partir da ação contestatória e propositiva. dos antigos movimentos sociais meramente reivindicativos, *o slow food* vai “para além da recusa”, se organizando em alternativa de sustentabilidade que viabilizam a própria recusa tida como primeiro “ato de negação”. Propõe e pratica alternativas constituídas na base da sua organização: encontros, convívios, organização de produtores, feiras, divulgação, etc. Tendo sido gestado no interior dos velhos movimentos sociais o Movimento *Slow Food* é na prática uma crítica a práxis meramente reivindicativa sustentadas pela antiga relação estado, capital e trabalho. (CAMPOS, 2015). E, mais do que isso, o movimento consegue se organizar criticamente ao próprio modelo de desenvolvimento sob o qual se organizavam direita, esquerda, movimentos sociais e Estado: o desenvolvimentismo e a sociedade do trabalho. (SEPULVEDA e PETRINI, 2015)

A recusa do movimento *Slow Food* a cultura do *fast food* e de toda a cadeia produtiva e de valores e práxis que têm em volta é estabelecida pela sua própria ação propositiva entorno da alimentação boa, limpa e justa. Boa por primar por alimentos saborosos e saudáveis que respeitem ciclos naturais e o meio ambiente; limpa por não usar agrotóxico prejudicar o meio ambiente ou agredir outras culturas e animais; preço justo para quem consome e pagamento (remuneração, ou retorno) justo para quem produz. Prima também por características de subjetividade como estética (aparência) sabor, gosto.

Esta comunicação se depreende de projetos de pesquisa e extensão em andamento, envolvendo alunos da graduação e da pós-graduação, e, portanto, tem um caráter discursivo propositivo, colocando-se como resultado parcial de pesquisa. Metodologicamente temos feito pesquisa de campo e produzido trabalhos coletivos e individuais com temas correlatos que possibilitam extrair material para este texto.¹

¹ São dois projetos de pesquisa e extensão em andamento com temas correlatos, ambos em andamento na Faculdade de Ciências Sociais – FCS da UFG – Universidade Federal de Goiás, campus de Goiânia, e no PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, a saber:” Agricultura orgânica e alternativa:

Também visitas e participação ativa em atividades realizadas pelo Movimento *Slow Food*.

² Orientações de trabalhos no âmbito do curso de graduação e pós-graduação em Sociologia e nas Ciências Sociais com temáticas sobre o movimento³, ou afins⁴.

MOVIMENTOS SOCIAIS E DESREGULAMENTAÇÃO

Para *Touraine* (1992) um dos grandes teóricos dos movimentos sociais, o principal fator que caracteriza os velhos movimentos sociais é o fato de estarem ligados a ideia de Estado e Revolução. Ao fator reivindicativo como greves e contestações que tinham a perspectiva de ruptura. O terreno fértil para tais movimentos era a fábrica. As primeiras greves e contestações da sociedade fabril tinham de fato a perspectiva revolucionária mais tarde apropriada por organizações e partidos políticos. (THOMPSON, 2012).

Este cenário muda na medida em que a modernidade engendra novos cenários. A flexibilização traz dentre outras coisas, Harvey (2008) a valorização da diversidade (sabores, estética etc.) rompendo com o conceito “padrão” e massificado de produção e consumo de massas. Na esteira deste processo as instituições de maneira geral são permeadas por transformações que buscam captar este potencial produtivo traduzindo em representação.

experiências de empreendedorismo e pequena produção no entorno de Goiânia – GO.”; e: “Território, empreendedorismo e pequena agricultura em aldeias do centro sul de Portugal.”.

² Faço referencia tanto aos trabalhos de campo atinentes a temática dos projetos, quanto a minha participação como ouvinte no maior evento promovido pelo movimento: “Terra Madre”, na sua edição 2016, que a cada dois anos acontece na cidade de Turim, no Norte da Itália.

³ O tema, Movimento *Slow Food* tem sido recorrente nos trabalhos acadêmicos que tenho orientado e com os quais tenho trabalhado de maneira correlata nos projetos de pesquisa e orientação. Cito particularmente o trabalho que orientei e que foi defendido em 2016: “*O Movimento Slow Food e seus impactos para a produção do queijo artesanal na região do alto Parnaíba – Minas Gerais.*”, dissertação de mestrado defendida no PPGCS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP Araraquara de autoria de Daniela Rodrigues Alves de Lima; também o projeto que coordenei e que teve financiamento da FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, junto ao Departamento de Sociologia e PPGCS da UNESP Araraquara entre 2011 e 2014, intitulado: “*Capitalismo cognitivo e a dinâmica da pequena produção agrícola alternativa no contexto local de Araraquara o caso do sai sistema agroindustrial integrado do SEBRAE/SP.*”

⁴ “*A produção orgânica no entorno da cidade de Goiânia - GO: históricos, atualidades e desafios sociais*”, de autoria de Tatiane Maria Gonçalves, defendida no curso de graduação – bacharelado em Ciências Sociais da UFG – Universidade Federal de Goiás.

Até meados da década de sessenta do século passado, o regime keynesiano-fordista regulava, e, portanto, estruturava o mundo do trabalho. A sociedade de fábrica unguida por um arsenal de maquinários e exercícios de trabalho regulado e cronometrado traçavam limites e fronteiras potencializadas pelo pacto com as autoridades estatais (HARVEY, 2005; BAUMAN, 2001). A produção estandardizada e o consumo de massa eram hegemônicos e mesmo ditando as regras “para todos” era produzida pelos que estavam “dentro”, ou seja, por aqueles que estavam agraciados pela sociedade fabril e pelo trabalho regulado. A hegemonia também da produção estandardizada impunha ao consumo a padronização dos gostos, estilos de vida, senso estético, etc. O taylorismo, como se sabe organizava uma profunda racionalização do trabalho separando (e contendo) os responsáveis por conceber o processo produtivo daqueles que concretizavam o trabalho. Conforme *Sennett*, (1999):

A fábrica fordista – com a meticulosa separação entre projeto e execução, iniciativa e atendimento a comandos, liberdade e obediência, invenção e determinação [...] foi sem dúvida a maior realização até hoje da engenharia social orientada pela ordem (*Bauman*, 2001, p.68).

Dentro deste arcabouço civilizatório, movimentos sociais e partidos políticos de esquerda ou de direita, guardadas as diferenças e orientações que não são poucas, organizavam suas ideologias e ações. Desde a organização dos Estados Nacionais sob a égide do capitalismo industrial, tratava-se de um modelo de desenvolvimento totalizante e civilizatório conforme propõe David Harvey (2005), sob o qual se organiza o mundo a partir do trabalho fabril e da sociedade de mercado.

É na contramão deste modelo de desenvolvimento predatório que *Latouche* (2009), autor que frequenta o Movimento *Slow Food* e que esteve no último Terra Madre de 2016 em Turim, propõe o “decrecimento”, na busca de desconstruir de maneira sustentada sociedade desenvolvimentista e seus valores. Decrecimento significa, afrontar um modelo de desenvolvimento justificado e organizado pela via da matriz fiscal dependente da sociedade salarial e do crescimento desenfreado de bens e consumo.

A palavra de ordem “decrecimento” tem como principal meta enfatizar o abandono do objetivo do crescimento ilimitado, objetivo cujo motor não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores do capital, com consequências desastrosas para o meio ambiente, e, portanto, para humanidade. (...) o decrecimento só pode ser considerado numa

“sociedade de decrescimento”, ou seja, no âmbito de um sistema baseado em outra lógica. (...) conseguir abandonar uma fé ou uma religião, a da economia do progresso e do desenvolvimento, de rejeitar o culto irracional e quase idólatra do crescimento pelo crescimento. (...). Sua meta é uma sociedade em que se viverá melhor trabalhando e consumindo menos. (LATOUCHE, 2009, p. 4-6).

Para o decrescimento é preciso o protagonismo do agente (trabalhador, consumidor, pai, cidadão, etc.) sem a fragmentação alçada pela antiga sociedade industrial. Trata-se, portanto dum modelo que digere o desenvolvimento, desenvolvimentismo e neodesenvolvimentismo (CEPEDA,2012), abrindo para uma perspectiva de reconhecimento e ação de um sujeito que opta perante a vida ou as “formas de vida” possíveis. Trata-se, diante da regulação da sociedade de fabrica de uma luta e ao mesmo tempo duma conquista de libertação (PETRINI, 2013)

O MOVIMENTO SLOW FOOD E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Agricultura alternativa ligada à percepção do ato-agrário⁵ é expressão da subjetivação aberta principalmente com a crise do fordismo e do modelo de produção e consumo rígidos e de massa. Agricultura biodinâmica, agroecologia, ecogastronomia⁶, produção orgânica, *fair trade*, freganismo⁷, e o próprio Movimento *Slow food*. Eventos

⁵ Ato que congrega a figura do produtor e do consumidor com forte potencial de subjetividade atinente a escolha. Para o movimento *Slow food* comer de maneira limpa, justa e com sabor (bom) é um ato produtivo em si. O termo é atribuído ao poeta agricultor norte americano Wendel *Berry* que aponta que “comer é um ato-agrário”, pois produzir alimentos é uma prática cheia de significados e deve ser considerado um ato gastronômico.

⁶ Movimento que prega o uso de alimentos saudáveis, produzidos de maneira sustentável e sem uso de agrotóxicos ou mesmo conservantes químicos. Valoriza sabores e saberes locais via preservação e conscientização ambiental, biodiversidade e responsabilidade social.

⁷ Freganismo é um movimento que reivindica um estilo de vida alternativo. O termo vem da junção das palavras em inglês: *vegan e free*. A base do movimento é aproveitar de maneira propositiva e construtiva (não residual) os descartes da sociedade de consumo, reduzindo os custos sociais e ambientais gerados. Trata-se de um movimento surgido nos anos 90 na rasteira dos movimentos urbanos e antiglobalização iniciados na década de 60. Um recente trabalho defendido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS – da UFG – Universidade Federal de Goiás, o qual fui banca: RODRIGUES, S. G. *Consumo Alternativo – Freganismo: uma experiência etnográfica sobre conceitos, categorias e convicções*, Dissertação de mestrado defendida no PPGAS – UFG, 2018.

como Terra Madre⁸ ou Arca do gosto⁹, ou mesmo outras mais ligadas às técnicas de produção como sistema mandala¹⁰, permacultura¹¹, etc.

Ainda que exista uma tentativa de encerramento do conceito de “agricultura alternativa”, o tema deve ser entendido antes como prática (ação) agrícola permeada e carregada de significados e saberes humanos, o que *de per se* se contrapõe (se alterna) a um tipo de agricultura industrial. A pluralidade de significados e motivações que compõe a prática entorno duma agricultura alternativa é um contraponto aquela agricultura pensada como produção de alimentos e, portanto, apenas como *comodites*.

O conceito de “ato agrário proposto pelo Movimento *Slow food* resume e condensa esta abertura de possibilidades abertas:

O **consumidor** orienta o mercado e a produção com suas escolhas e, aumentando sua consciência sobre estes processos, ele ou ela assumem um novo papel. O consumo se torna parte do ato produtivo e o consumidor se torna então um **co-produtor**. O **produtor** exerce um papel importante no processo, trabalhando para alcançar a qualidade, tornando sua experiência disponível e acolhendo os conhecimentos e saber-fazer dos outros. O esforço deve ser comum e deve ser feito com a mesma consciência e espírito interdisciplinar, como a ciência da gastronomia. Cada um de nós é chamado a praticar e disseminar um novo, mais preciso e ao mesmo tempo mais amplo conceito de qualidade do alimento, baseado em três pré-requisitos básicos e interconectados. A qualidade do alimento deve ser: bom, limpo e justo.

A escolha dos alimentos é um ato produtivo em si que aproxima cada vez mais o agente social na figura, sem distinção, dum produtor-consumidor. O trabalho enquanto ação do sujeito confunde sem distinguir a figura do consumidor que faz escolhas e opta amparado em seu gosto, senso estético, valores morais e consciência ética. O produtor é

⁸ O Terra Madre é a rede de comunidades em torno dos valores do movimento e que serve de nome para o encontro bianual realizado pelo movimento sempre na cidade de Turim no norte da Itália. Lembrando que Bra, pequena cidade pertencente a província torinesa, é terra Natal do considerado idealizador do movimento Carlo Petrini. .

⁹ Um catálogo global que identifica, orienta e facilita, além de divulgar, sabores e saberes ameaçados ou em vias de extinção, quase sempre sem grande valor comercial.

¹⁰ Trata-se de sistema de produção sustentável e com pouca necessidade de energia. Produção em círculos concêntricos tendo na base o reservatório de água donde são criados peixes. A partir deste centro se distribui a água e irriga as diversas e combinadas culturas produzidas em círculo por vários motivos além da irrigação também a construção de barreiras naturais que impede o dificulta a permeabilidade de pragas favorecendo o controle biológico.

¹¹ Trata-se de sistema de produção agrícola criada por ecologistas australianos *Bill Mollison* e *David Holmgren* na década de setenta. A ideia básica é trabalhar com a natureza se aproveitando desta força sem contrariar. Trata-se dum sistema holístico de produção agrícola. É sustentável e economicamente viável trabalhando com três princípios básicos: o cuidado com a terra, com as pessoas e a partilha de excedentes.

um produtor de alimentos e produtos diferenciados e alternativos quando consome dirimindo a produção.

Cito a título de exemplo o caso do Banco *GLS Gemeinschaftsbank*¹² e *G* na Alemanha. Trata-se de um movimento social de nova ordem, ou então de um “novo movimento social” pela capacidade de organização e decisão do sujeito que escolhe para onde vai o seu dinheiro, e para o que ele deve ser usado. Escolha feita tanto diante do empréstimo quanto do consumo. (OLIVEIRA, KUX e KLIPSTEIN, 2003). Os acionistas do banco são pessoas comuns que optam por ter o dinheiro num banco que financia causas consideradas nobres, em detrimento dos grandes bancos que emprestam aleatoriamente sem com que o acionista conheça o destino do investimento. Como os acionistas do banco sabem e devem saber para onde vai seu dinheiro as pessoas ou acionistas tem consciência que são responsáveis por seus atos perante os outros também no tocante ao uso do seu dinheiro, ou do fruto ou produto do seu trabalho. Trata-se, portanto, dum terreno de “decisões e escolhas” do sujeito diante da liberdade e pluralidade de possibilidades. Trata-se do reconhecimento do poder de ação do sujeito que ao depositar o dinheiro no banco sabe, e decide sobre o destino do seu dinheiro. Autoriza o banco a investir em atividades as quais julga éticas e justas. Pois, a expropriação do conhecimento e a outorga para o capital agir em nome do sujeito é de tal ordem que legalmente um pacifista convicto e militante, pode ter dinheiro investido, portanto estar emprestando para a indústria bélica.

Este exemplo do *Gemeinschaftsbank* Alemão, a exemplo do Movimento *Slow Food* é um novo movimento social já que quebra a espinha dorsal do próprio capitalismo industrial que se alimentou (HARVEY, 2008) da alienação do trabalho e da separação entre concepção e ação do trabalho.

Como todo movimento social, mesmo sendo “aberto” no caso o *Slow Food* é permeado de possibilidades. Tanto que a identificação militante construída através de umas práxis ascéticas pode construir grupos carismáticos e radicais que formam identidade no contra poder, conforme aponta Oliveira (2014). Um carisma que pode

¹² O banco foi criado tendo como princípio o entendimento segundo o qual o capital construído a partir do trabalho vai para um banco, e que depois é transferido para a economia na forma de crédito que depois é movimentado e devolvido para o acionista em juros. Um dos princípios do capitalismo financeiro é a impessoalidade, ou seja, o dinheiro que o sujeito emprestou para o banco pode servir para financiar tanto causas nobre e humanitárias quanto outras que o sujeito desaprovava. No caso do *Gemeinschaftsbank* o acionista tanto conhece quanto decide sobre os investimentos do seu dinheiro que vai causas ecológicas projetos culturais, escolas livres, com velhos e idosos, pedagogia curativa, economicamente sustentáveis, e de utilidade pública dentre outros. Há fundos para agricultura biodinâmica, para pesquisas de sementes, para o desenvolvimento de novas fontes renováveis de energia, para formação, para programas de desenvolvimento de países subdesenvolvidos, etc. (OLIVEIRA, KUX, KLIPSTEIN, 2003)

ser radicalmente formado na ética da convicção, no caso pautado por um estilo de vida radicalmente alternativo.

APONTAMENTOS FINAIS

A tese do capitalismo cognitivo dialoga com as transformações estruturais que tem acontecido na matriz produtiva nas últimas décadas. Principalmente no tocante a construção de demandas fragmentárias que tem como desafio unificar um movimento organizado. No caso do Movimento *Slow Food*, o fator de unificação é a crítica ao capitalismo, ou mais propriamente a crítica aos males do desenvolvimentismo e dos efeitos da chamada sociedade industrial. E ainda a construção de demandas e alternativas de fuga e de construção do comum pautadas em questões “novas” e de caráter subjetivo, ensejando a “escolha” como fator primordial.

Recupero aqui a definição e o debate acerca do tema, postulando uma leitura das transformações apontadas acima pela via da produção do conhecimento. Para Bernard *Paulré* (2011), bem como para autores como, *Christian Marazzi* (2011); *Toni Negri* (2011); *André Gorz* (2005), dentre outros, o capitalismo cognitivo pode ser definido como:

(...) a acumulação essencial do capitalismo contemporâneo é a acumulação cognitiva, assumida no sentido lato, compreendendo o conhecimento, a informação, a comunicação, a criatividade, em suma, as atividades da mente. É o papel central dessa acumulação que diferencia o capitalismo cognitivo do período histórico do qual recentemente saímos, o capitalismo industrial. Nesse último contexto, a acumulação é centrada principalmente no capital físico e na organização do trabalho. No período pós industrial (ou cognitivo), o investimento físico e a organização do trabalho não desaparecem, mas não são mais centrais e não constituem mais a orientação essencial da acumulação e do progresso. (p. 235-6)

Trata-se, portanto, dum postulado que enfatiza que a acumulação e a expropriação do comum continuam sendo à base do capitalismo. O que muda com relação ao industrialismo é que o conhecimento é valor em si, e, portanto, expropriar conhecimento, no caso do *Slow Food*, significa expropriar forma de vida, de produzir e consumir alimentos”. Apesar da base material, a subjetividade e o conhecimento cristalizados num produto ou ideia são elementos construtivos de ação comum. Partindo desta perspectiva o Movimento *Slow Food* se conecta como movimento dotado de potencial crítico, contestatário e também propositivo, de caráter fragmentário (diferente de fragmentador),

mas que se unifica como “Novos Movimento Social” uma por romper com a formação identitária do trabalho regulado que sustentou as diferentes formas de socialismo; por outro por construir agenda comum com outros tantos movimentos que surgiram também a partir da crise da velha esquerda estatista organizada a partir do trabalho regulado.

Ao estabelecer como direito básico o direito a uma alimentação justa, limpa e boa o Movimento *Slow Food* se conecta com outros tantos movimentos ambientalistas que lutam e propõem alternativas para a melhor forma de convivência planetária. Neste sentido pode-se afirmar, conforme HADLER (2014), tratar-se de uma “tribo pós-moderna”; é também um movimento social agrário como nos termos de Portinari (2018) já que toca e age diretamente na produção agrícola, e uso e manejo adequado do solo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

CAMPOS, R. L. S. *Sindicatos Rurais e Qualificação Profissional: estado, capital e trabalho na agricultura paulista*, São Paulo: Intermeios, 2015.

CEPEDA, V, L. *Inclusão Democrática e Novo Desenvolvimentismo: um balanço histórico*, Revista: Estudos Avançados: São Paulo, maio\agosto, 2012.

GONÇALVES, T. M. *A produção orgânica no entorno da cidade de Goiânia - GO: históricos, atualidades e desafios sociais*, Trabalho Final de Curso defendido na graduação – bacharelado da FCS-UFG, 2017.

GORZ, A. *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*, São Paulo: Annablume.2005.

HADLER, R. D. *O movimento Slow Food e as escolhas de consumo: as possibilidades de atuação individual e coletiva através de uma tribo pós-moderna*. São Paulo: Anais do Congresso Internacional Comunicação e Consumo, 2014.

HARDT, M; NEGRI, N (2005), *Multidão: Guerra e democracia na era do império*, Rio de Janeiro: Editora Record.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2008.

LATOUCHE, S. *Pequeno tratado do Decrescimento Sereno*, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIMA, D. R. A. *O Movimento Slow Food e seus impactos para a produção do queijo artesanal na região do alto Parnaíba – Minas Gerais.*”, dissertação de mestrado defendida no PPGCS – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP Araraquara, 2015.

MARAZZI, C. *A violência do Capitalismo financeiro*. In FUMAGALLI A. e MEZZADRA, S (eds.) *Crise da Economia Global: mercados financeiros, lutas sociais e novos cenários políticos*, (org.), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, pp. 23-74.

NEGRI, A. *Algumas reflexões sobre o rentismo na “Grande Crise” de 2007 (e seguintes)*. In: FUMAGALLI A. e MEZZADRA, S (eds.) *A Crise da Economia Global: mercados financeiros, lutas sociais e novos cenários políticos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 353-364.

OLIVEIRA, L. KUX, G e KLIPSTEIN, L. *Fraternidade na Vida Econômica, Igualdade na vida jurídica, liberdade na vida espiritual*. Contribuição para a discussão do tema “Economia Solidária” no III Fórum Social Mundial. Porto Alegre: 7, 2003.

OLIVEIRA, D. C. *Comida, carisma e prazer: um estudo sobre a constituição do slow food no Brasil*. Tese de doutoramento defendida junto ao Programa de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

PAULRÉ, B. *Capitalismo Cognitivo e financeirização dos sistemas econômicos*. In FUMAGALLI A. e MEZZADRA, S (eds.) *A Crise da Economia Global: mercados financeiros, lutas sociais e novos cenários políticos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 233-264.

PETRINI, C. *Cibo e Libertà: storie di gastronomia per la liberazione*. Firenze: Giunti, 2013.

PORTINARI, F. *Manifesto pelo futuro da agricultura*. Slow Food Editore, Bra, 1989.
Disponível em: Acesso 11. Mar. 2018.

RODRIGUES, S. G. *Consumo Alternativo – Freganismo: uma experiência etnográfica sobre conceitos, categorias e convicções*, Dissertação de mestrado defendida no PPGAS – UFG, 2018.

SEPULVEDA L. e PETRINI C. *Uma ideia de felicidade: como as pequenas coisas podem tornar a vida melhor*. Porto: Porto Editora, 2015.

SLOW FOOD BRASIL, site: <http://www.slowfoodbrasil.com/perguntas-frequentes>, acesso: 22 de março de 2018.

THOMPSON, E. P. *A for* SENNETT, R. (1999), *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro: Record.

mação da classe Operária inglesa: A maldição de Adão. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TOURAINÉ, A. *Beyond social movements*. *Theory, Culture, and Society*, 9: 125-145, 1992